

Crenças e Atitudes Sobre a Violência Doméstica e Satisfação com o Suporte Social em Sujeitos Adictos e Não-Adictos

Marta Soares & Victor Cláudio

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Este estudo teve como objectivo a investigação das crenças sobre a violência doméstica e satisfação com o suporte social em sujeitos adictos e não-adictos. A amostra foi constituída por 120 sujeitos, sendo 60 adictos e 60 não-adictos, com idades entre os 18 e os 66 anos, residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo. Foram aplicados dois questionários: 1) Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal; 2) Escala de Satisfação com o Suporte Social. Os resultados foram obtidos através de análise estatística. Os principais resultados revelam que os sujeitos adictos têm uma menor satisfação com o suporte social. Relativamente a legitimação da violência verifica-se que não existem diferenças entre os sujeitos adictos e não-adictos. Os homens adictos apresentam maior legitimação da violência quando comparado às mulheres, facto que não se verificou entre os sujeitos não-adictos. Neste sentido os sujeitos adictos apresentam indicadores de vulnerabilidade mais evidentes.

Palavras-chave: Violência Doméstica, Crenças, Suporte Social, Toxicodependência

1. INTRODUÇÃO

1.1. Violência

A violência é uma violação dos direitos humanos, que tem incidência ao nível familiar, social, pessoal, cultural, intervindo na liberdade e autodeterminação do sujeito alvo (crianças, idosos, pessoas com demências psicológicas e físicas, sujeitos dependentes), comportando comportamentos diversos, que se divergem num modelo de abuso e dominação, uma força física, contra o outro ou contra si mesmo (Delegação do Conselho de Ministros, 2008).

Segundo os dados apresentados pela APAV (2008), comparativamente a outros crimes existe uma percentagem de 87.2 correspondentes a crimes por violência doméstica, tendo como principais causas, os maus-tratos psíquicos (32%) e físicos (30%).

1.2. Violência Doméstica

A violência doméstica é descrita como um fenómeno que compromete gravemente a integridade física, psicológica e é fundamentada por actos verbais como forma de atemorizar a vítima, e comprometer a liberdade da vítima no seio familiar como forma de auto-controlo (Jeanjot, I. et. al., 2008; Steward & Robinson, 1998).

Devido ao carácter privado do meio familiar, a mulher não adquire atitudes de defesa, ficando no silêncio, e olhando a violência como um destino devido à dependência e ao escasso apoio social a que se submete, pois um baixo suporte social coloca a mulher num estatuto vulnerável devido a dificuldade em lidar com o agressor (Sagim, M., Biasoli-Alves, Z., Defino, V. & Vanturini, F., 2007; Silva, I.V., 2003).

A violência é na maioria das vezes praticada contra a mulher em ambiente familiar, entre casais na própria casa, sendo o companheiro o principal suspeito das agressões cometidas (Deslandes et. al, 2000; Rodrigues & Guerra, 1996). Estas agressões são descritas num ciclo de comportamentos violentos, onde em momento de tensão a vítima deixa o companheiro, mas pela incapacidade de viver fora da relação conjugal num momento de serenidade existe um retorno para o companheiro e a violência retoma os contornos da relação (Rodrigues & Guerra, 1996; Stewart & Robinson, 1998)

1.3. Crenças e Atitudes

A existência de pensamentos automáticos que reportam a um resposta imediata dada pelo sujeito, facilmente reconhecida e válida, sem ser susceptível a crítica.

Como causa dos pensamentos automáticos tem-se os construtos primários – estáveis e universais. Os factos vividos são então integrados com base nas crenças principais, logo, o sujeito vai valorizar estas crenças e rejeitar as que não o suportam.

Beck (1997), refere na sua teoria a importância da elaboração de esquemas – padrões cognitivos – que orientam as interpretações em várias situações. O esquema é o suporte usado pelo sujeito como forma de discriminação e interpretação de um novo estímulo. Interferem em distintos processos de actuação da informação, permitindo novos conhecimentos, suas interpretações, como se fosse um enriquecer do esquema. Os esquemas permitem designar, classificar, interpretar, avaliar e atribuir significado aos objectos e aos acontecimentos. Sendo o acontecimento integrado de forma diferente por cada elementos que o detém. Os esquemas contêm informação que condizem a

crenças e à elaboração de respostas emocionais. Logo, a sua formação advém das atitudes, normas e hipóteses que o sujeito desenvolve face a um comportamento, sendo a interpretação elaborada por pensamento automático que leva o sujeito a um estímulo imediato, espontaneamente ratificado como válido.

Segundo Cláudio e Sousa (2003), as atitudes são construtos de avaliação na relação estímulo e resposta agindo de forma intermédia. Existe uma finalidade na atitude, construída pela forma como o sujeito interpreta as situações com base na informação fluida acerca dos outros que nos rodeiam. Logo, a atitude adquirida face ao estímulo advém de uma representação mental, onde recorremos a ela para interpretar e processar a informação que vem do meio, adquirindo assim o nosso próprio comportamento.

Segundo o Modelo MODE de Fazio's (1999), as atitudes são caracterizadas através de um processo associativo entre o que retemos na memória acerca de um determinado objecto e a sua avaliação positiva ou negativa face ao mesmo.

Segundo Bandura (1979), os sujeitos não são desde a nascença pessoas agressivas, mas vão moldando os seus comportamentos em consequência das relações que mantém com outros sujeitos, através de experiências directas. Sendo por intermédio destas observações e relações que vamos formar a nossa representação simbólica acerca de determinado objecto e assim construímos a ponte de ligação com o comportamento atitudinal, mas nem todas as coisas aprendidas são executadas. Pois pode-se reter a uma atitude de agir agressivamente mas comportamentalmente pode ser adoptado de forma negativa.

1.4. Crenças e Violência Doméstica

Os factores culturais abrangem a socialização diferenciada com base no género, papéis culturais e sociais, expectativas de papéis dentro das relações, principalmente a crença na superioridade do género masculino e valores que legitimam os direitos de propriedade dos homens pelas mulheres, a noção de família como pertença à esfera do privado e sempre com o homem a controlar, sendo a violência uma resposta ao conflito relacional. No que concerne aos factos económicos, a visão da mulher como dependente do homem (Unicef, 2000).

Cortez et. al. (2005), referem que as agressões têm como causas, o facto dos agressores serem: ciumentos, consumidores excessivos de substâncias lícitas e ilícitas, visão fixada nas diferenças entre géneros, e o patriarcado. Estas situações despoletam-se

devido a factores como: desemprego, conflitos. Logo, Cunha (2008), refere que a violência por parte do sujeito masculino dentro de uma relação familiar tem como objectivo mostrar ao outro quem detém o poder, ficando o outro dependente do agressor.

As crenças sociais, são um factor crucial para a perpetuação da violência, sendo que a falta de apoio social contribui para a legitimação de violência doméstica (Weil, J & Lee, H, 2004).

Um estudo efectuado para verificar se álcool e violência têm uma ligação, verificou-se que o consumo de álcool é um fenómeno que auxilia situações de violência (Duailib & Pinsky, 2005). Logo, a violência é uma consequência do estado de alcoolismo, pelas alterações comportamentais que provoca e leva ao descontrolo e agressividade.

1.5. Suporte Social

O suporte social pode se visto como: “a existência ou disponibilidade de pessoas que se pode confiar, pessoas que nos mostram que se preocupam conosco, nos valorizam e gostam de nós” (Sarason e tal, cit, por Ribeiro 1999, p.127). Segundo Dunst e Trivette (1990), o suporte social caracteriza-se como o expediente que o sujeito tem em sei redor, quer das pessoas, quer das unidades sociais. Nesta consonância, Cohen e Mckay (1986), existem diversos tipos de suporte social, como, o suporte social psicológico (aquele que transmite informação) e o não psicológico (ligado ao social).

Logo, a percepção de suporte social é fundamentalmente um facto cognitivo, que representa um ponto de vista impressionista e abstracto da rede social, sendo influenciado por diferenças individuais e pelas relações precoces, principalmente as que se desenvolvem com as figuras parentais.

É de constatar que os amigos são um grupo de grande importância até à adolescência, momento em que este grupo detém uma importância e influência na relação com a família. Estudos elaborados (Dias, 1984), demonstram que esta fase da vida, onde o grupo adquire um simbolismo particular, onde as relações de amizade são edificadas e fundamentadas como fontes de suporte social.

Segundo Silva (2003) e Sagim et al (2007), o suporte social é um dos factores que levam a vítima de violência doméstica a incapacidade de encarar a violência.

1.5. Toxicodependência

De acordo com diversos terapeutas cognitivos são pensamentos e crenças disfuncionais que alimentam a necessidade de drogas: no centro da problemática da adição estão um conjunto de pensamentos que parecem derivar de um pensamento principal de auto-depreciação do tipo “eu sou frágil”, “eu sou incapaz”, “não sou amado”. Por sua vez, estes pensamentos interagem com o stress da vida diária e dão uma ansiedade excessiva, humor disfórico, depressão ou até comportamentos agressivos. Estas situações de stress não causam por si só a necessidade e o desejo de alívio pelas drogas, mas fazem activar pensamentos ligados à sensação de necessidade à qual se vão associar (Morel, Hevér e Fontaine, 1998; Gleitman, 1999).

2. OBJECTIVOS E HIPOTHESES

O objectivo deste estudo foi investigar qual o grau de tolerância/aceitação da violência conjugal e qual o tipo de crenças que mais legitimam a mesma entre grupos. Pretendeu-se também verificar se existiam diferenças significativas entre o género de cada grupo. Iguamente averiguar a satisfação com suporte social que detêm ambos os grupos.

Hipótese 1 – Os sujeitos adictos têm valores significativamente mais elevados nas escalas de legitimação da violência conjugal quando comparados aos sujeitos não adictos.

Hipótese 2 – Os sujeitos adictos têm uma menor satisfação com o suporte social quando comparados aos sujeitos não adictos.

Hipótese 3 – O género influencia significativamente a opinião dos sujeitos nas escalas de legitimação da violência conjugal nos sujeitos não adictos e nos sujeitos adictos.

3. METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi um estudo epidemiológico experimental, permitindo uma análise das crenças face á violência doméstica e da satisfação com o suporte social. Tendo-se como objectivos a obtenção de uma amostra que possibilite a validação estatística dos resultados, permitindo, deste modo, a generalização dos mesmos para a restante população.

A recolha da amostra foi efectuada em contexto privado. Sendo assim os instrumentos aplicados: a Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (ECVC) e a Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS).

3.1. Instrumentos

Escala de Crenças sobre a Violência Conjugal (Matos, C., Matos, M. & Gonçalves, M.M.), com o objectivo de avaliar as crenças relativas à violência física e psicológica executada em contexto conjugal. Esta é administrada individualmente ou em grupo, não havendo tempo limite para a finalizar. Com um alpha de Cronbach de 0.90, i.e., grau de consciência interna elevado.

Os itens da escala estão dispostos em cinco dimensões: “Legitimação e Banalização de pequena violência” que tem como finalidade medir a pequena violência (bofetadas, insultos) e inclui 15 itens (2, 9, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24 e 25), com obtenção de 40.2% da variância comum; “Legitimação da violência pela conduta da mulher”, que avalia o desrespeito pela parte da mulher e integra 10 itens (5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23), que explica 7.1% da variância comum; “Legitimação da violência pela sua atribuição e causas externas”, avaliando a violência num patamar familiar, pelos comportamentos e pelo social, sendo formada por 8 itens (2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10), constituindo 4.4% da variância comum; “Legitimação da violência pela preservação da privacidade familiar”, que avalia a violência pelo apelo ao conceito de privacidade e pela necessidade de proteger as famílias das intrusões exteriores, sendo constituída por 6 itens (1, 7, 8, 9, 15 e 17), com uma variância comum de 4.2%. Os itens da escala são cotados numa escala tipo lickert 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), sendo o calculo final obtido pelo somatório directo de todas as questões. Por outro lado, o cálculo em cada um dos factores permite-nos verificar o tipo de crenças específicas envolvidas nesta tolerância.

Escala de Satisfação com o Suporte Social, desenvolvida por Wethington & Kessler (1986), sendo validade para a população portuguesa por Ribeiro (1999). Esta escala é constituída por 15 itens que se dispõem por quatro dimensões: “Satisfação com os amigos (SA)” que tem como finalidade medir a satisfação cm as amizades e inclui cinco itens (3, 12, 13, 14 e 15), com obtenção de uma consistência interna de 0.83; “Intimidade” (IN), que mede a percepção que se tem de suporte social intimo, incluindo os itens (1, 4, 5 e 6), com uma consistência interna de 0.74; “Satisfação com a família” (SF), mede a satisfação com o suporte social familiar existente, onde se inserem os itens

(9, 10 e 11), com uma consistência interna de 0.74; “Actividades sociais”(AS), medindo a satisfação com as actividades sociais realizadas, com os itens (2, 7 e 8), sendo a consistência interna de 0.64.

A escala total possui uma consistência interna de 0.85. A nota total da escala resulta da soma da totalidade dos itens; a nota de cada dimensão resulta da soma dos itens de cada dimensão ou subescala. Na cotação é atribuído o valor “1” aos itens assinalados em “A”, e “5” aos assinalados em “E”. São excepção os itens invertidos, que são os seguintes: 4, 5, 9, 10, 11, 12, 13, 14 e 15. A nota para a escala total pode variar entre 15 e 75, sendo que à nota mais alta corresponde uma percepção de maior suporte social.

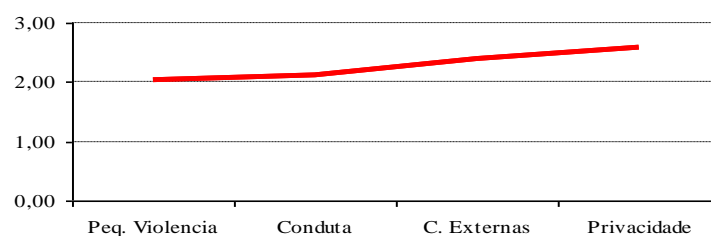
3.2. Amostra

Um total de 120 sujeitos (60 adictos e 60 não-adictos), com uma média de idades de 38anos, residentes na região de Lisboa e Vale do Tejo. Do total de sujeitos inquiridos 57% são do género masculino e 43% do género feminino. Quando ao estado civil, verifica-se que, num geral 41.7% dos sujeitos inquiridos estão casados (53 sujeitos), 3.1% estão divorciados (4 sujeitos), 3.95 encontram-se separados (5 sujeitos), 36.2% estão solteiros (46 sujeitos), 7.9% estão em união de facto (10 sujeitos), e 1.6% encontram-se viúvos (2 sujeitos).

4. RESULTADOS

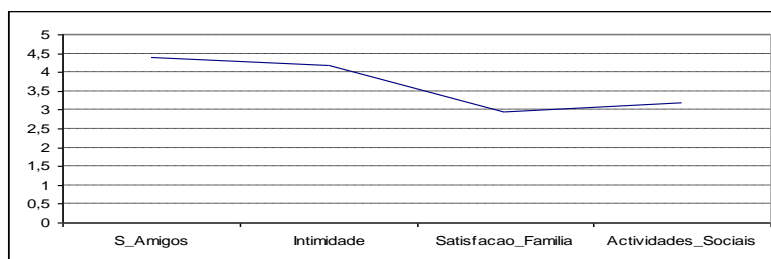
Constatou-se que o tipo de legitimação mais mencionada pelos sujeitos foi a legitimação pela preservação da privacidade familiar.

Figura 1 – Médias Relativas às Subescalas da ECVC



Ao avaliar a satisfação social, constatou-se que existe uma maior satisfação na relação com os amigos.

Figura 2 – Médias Relativas as Subescalas da ESSS



Estudo da legitimação da violência conjugal entre os grupos

Verifica-se que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os sujeitos adictos e não-adictos. Onde os adictos obtiveram valores médios superiores. Quanto às subescalas desta, verifica-se que não existem diferenças entre os grupos.

Figura 3 - Teste t-Student da ECVC e Subescalas de acordo com o grupo adicto e não-adicto

	t	f	P
P_violencia	2,167	18	,032 *
Conduta_Mulher	3,062	18	,003 *
Causas_externas	2,919	18	,004 *
Privacidade_Familiar	1,990	18	,049 *
Crenças	2,437	18	,016 *

Estudo da Satisfação com o Suporte Social entre os grupos

Verifica-se que existem diferenças significativas entre os sujeitos adictos e não-adictos na satisfação com o suporte social. Com efeito, no total da escala, há médias mais elevadas nos sujeitos não-adictos. Também as subescalas demonstram não haver diferenças significativas entre os dois grupos. Verificando-se sempre que os sujeitos não-adictos estão mais satisfeitos socialmente.

Figura 4 - Teste t-Student da ESSS e Subescalas de acordo com o grupo adicto e não-adicto

	T	f	Sig. (2-tailed)
S_Amigos	-3,632	18	,000 *
Intimidade	-5,885	18	,000 *
Satisfacao_Familia	-4,140	18	,000 *
Actividades_Sociais	-4,070	18	,000 *
Suporte Social	-5,879	18	,000 *

Estudo da legitimação da violência doméstica entre os géneros de cada grupo

Relativamente ao grupo não-adictos, na escala global e subescalas verifica-se que não se encontram diferenças estatisticamente diferentes entre os géneros. Pelo que se pode concluir que o género quanto ao estado não influencia a forma de legitimação.

Figura 5 – Teste t-Student da ECVC e Subescalas de acordo com o género no grupo não-adicto

	T	f	Sig. (2-tailed)
P_violencia	-1,615	9	,112
Conduta_Mulher	-1,006	9	,318
Causas_externas	-,048	9	,962
Privacidade_Familiar	-1,945	9	,057
Crenças	-1,241	9	,219

No que concerne ao grupo dos adictos, encontraram-se diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e o género masculino. Relativamente às subescalas atesta-se igualmente diferenças estatisticamente significativas entre o género feminino e o género masculino. Verificando-se que o género masculino obtêm valores médios superiores.

Figura 6 - Teste t-Student da ECVC e Subescalas de acordo com os géneros do grupo adicto

	t	f	Sig. (2-tailed)
P_violencia	-4,399	7	,000 *
Conduta_Mulher	-3,571	7	,001 *
Causas_externas	-3,877	7	,000 *
Privacidade_Familiar	-4,802	7	,000 *
Crenças	-4,526	7	,000 *

5. DISCUSSÃO

De acordo com o estudo da legitimação da violência doméstica entre os grupos, foi possível verificar que as médias da legitimação da violência mais elevadas correspondem aos sujeitos adictos. Pois, os sujeitos adictos têm uma maior vulnerabilidade a situação de desconforto que os sujeitos não-adictos, isto porque, os consumos levam a um descontrolo do próprio sujeito. Isto verifica-se em diversos estudos, onde o alcoolismo é apontado pelas vítimas como o principal factor da violência (Melo, et. al., 2005). Onde o agressor aborda a vítima quando está sob o efeito do álcool, ou muitas vezes a abstinência e a sensação de privação é um enfoque para a agressão como forma de libertar a raiva, inquietude que os atormenta.

Relativamente às subescalas da ECVC, a comparação entre os valores das diferenças médias, dos grupos de sujeitos adictos e não-adictos, revela diferenças estatisticamente diferentes na legitimação e banalização da pequena violência, e na legitimação pela preservação da privacidade familiar. Com efeito, as médias mais elevadas verificaram-se nos sujeitos não-adictos. Este fenómeno pode ser explicado pelo facto de os sujeitos não-adictos adquirirem uma imagem mais fechada de si, são sujeitos mas preconceituosos, que vivem das aparências, logo a necessidade para que a violência não seja algo observável socialmente.

Segundo Vieira (2006), os indivíduos com maior satisfação com o suporte social nas subescalas relativas à intimidade e actividades sociais, apresentação níveis superiores de saúde mental, menores indices de stress, maior bem-estar psicológico, menor ansiedade e depressão, maior capacidade de controlo emocional e de afecto positivo, o que salienta a importância quer do apoio familiar quer dos pares.

Quanto ao género verificou-se se existiam diferenças dentro de cada grupo, verificando-se no grupo dos não-adictos não existirem diferenças estatisticamente

diferentes entre os sujeitos do género feminino e masculino. Curiosamente, e ao contrário do que seria esperado, os sujeitos não-adictos apresentam médias que não são estatisticamente diferentes entre os géneros na legitimação da violência. Podendo verificar-se que a crença cultural do patriarcado não está implementado na sociedade contemporânea em determinados sujeitos, sendo assim implementado o termo “igualdade”, onde o masculino e feminino é adaptado e as condutas igualitárias entre géneros afiguram-se como novas cultura de género (Oliveira & Cavalcanti, 2007). Tal como se pode analisar no estudo elaborado por Diniz et al. (2003), sujeitos do género masculino tendem a desvalorizar os actos violentos, em principal os praticados em ambiente conjugal. Isto poderá estar associado ao facto de hoje em dia haver violência entre géneros mas sendo a mulher a agressora e o homem a vítima, apesar de este tipo de violência ainda não ser totalmente deliberada.

Relativamente ao grupo dos adictos, os valores médios mais elevados são no género masculino, demonstrando assim que estes têm uma maior legitimação face a violência quando comparados com o género feminino.

O abuso do álcool é um forte agravante da violência doméstica física. A embriaguez patológica é um estado em que a pessoa que bebe torna-se extremamente agressiva, às vezes nem lembrando com detalhes o que tenha feito durante essas crises de furor e ira. Muitas vezes as mulheres sujeitam-se a tal situação porque o homem é o pilar da família. Logo, apesar de a violência ser nos dias de hoje considerada um acto público, onde género feminino ter adquirido pelas mudanças sociais e políticas que delinearam a igualdade de género, as alterações ao nível da estrutura familiar, e a independência da mulher face ao marido, logo a mulher é caracterizada como sujeito socializante (Igualdade de Género e Direitos das Mulheres). No entanto, muitos homens adquirem ainda estereótipos, onde a mulher é a figura fragilizada e inferior, e este o sujeito que obtém o poder, autoridade, força e independência, logo a perpetuação da violência é um acto privado/familiar.

6. CONCLUSÃO

Apesar da violência já considerada um crime público, muitas pessoas preferem restringi-la ao meio familiar e não manifestar a dor sentida, ao nível físico, psicológico e comportamental, sendo que muitas das vítimas negam a agressão com medo de serem repreendidas ou de serem vítimas de agressões mais profundas. Muitas das vítimas de violência doméstica escolhem continuar a ser agredidas por não terem outra escolha,

devido a insuficiência na satisfação com o suporte social, e muitas vezes ausência deste suporte por parte das famílias e amigos. Sendo assim importante, fazer um trabalho de integração da família, amigos e serviços de apoio como forma de garantir segurança e aumento de auto-estima das vítimas.

Os resultados desta pesquisa, realizada junto de sujeitos adictos e não-adictos, embora não permitam a generalização por não se tratar de uma realidade específica, trouxeram informações de grande utilidade em relação a forma como os sujeitos concebem a violência. Os resultados permitem afirmar que a violência é mais legitimada pelos sujeitos adictos, isto porque neste sujeitos a distorção cognitiva é mais evidenciada do que na sociedade não-adicta, pois os sujeitos adictos têm uma leitura errada da realidade, observando o exterior como uma ameaça. Tal como, o meio da toxicodpendência é visto como um meio desfavorecido ao nível económico, social, relacional, emocional e cognitivo apresentando assim uma maior afluência a actos violentos.

Tal como apresentado em diversos estudos sobre a violência, o género masculino apresenta uma maior legitimação da violência, demonstrando assim a dominação do género masculino face ao género feminino. A imagem do masculino/feminino, adulto/criança e a imagem de que numa relação o homem é que manda, são provocadores da violência, isto porque, toda a imagem gerada em torno do género, é uma construção social e cultural. Esta construção social e cultural, construída em torno das crenças existentes, onde o homem tem a detenção do poder e a mulher é a subordinada, no entanto evidencia-se nos dias de hoje que as mulheres já começam a deter poder, e não são unicamente as mulheres vítimas de violência mas também os homens, apesar de ser um facto que causa vergonha a estes por sempre terem sido conotados como o “Género forte”.

Ao nível da satisfação social, os sujeitos adictos apresentam uma maior debilidade devido a serem sujeitos socialmente excluídos. Isto porque, os consumos tornam os sujeitos mais apáticos, e socialmente violentos devido a necessidade dos consumos, logo a legitimação da violência nestes sujeitos é maior devido a vulnerabilidade pessoal e social sentida. O facto de serem sujeitos socialmente insatisfeitos demonstra ser emocionalmente negativos, levando assim aos consumos e a legitimação da violência, onde os actos cometidos são uma forma de expressar a raiva e ira que os consome, e a incapacidade de lidar com as suas angústias e frustrações. Não sendo os consumos a causa para a legitimação da violência mas sim a abstinência, pois

quando estão em momento de privação/abstinência a ausência do consumo e a necessidade para se sentir bem torna os sujeitos agressivos.

Ao longo deste trabalho, foram surgindo algumas limitações e determinados aspectos que poderiam ter sido elaborados de outra forma, os quais serão expressos, com fim a não se repetirem em investigações futuras.

Ao nível de futuras investigações, seria pertinente elaborar um estudo ao nível de todo o país, para uma maior representatividade da amostra. Uma vez que as atitudes e crenças exercem influencia sobre o comportamento dos sujeitos, e através do tipo de socialização seria também pertinente alargar este estudo as famílias destes sujeitos.

Logo, considero importante um estudo com sujeitos toxicodependentes como forma de desmistificar a ideia errónea que estes adquirem do mundo envolvente. Trabalhando as atitudes e comportamentos face a determinadas situações que estes acham somente serem resolvidas recorrendo a violência.

Concluindo, acho que será igualmente pertinente o desenvolvimento de estratégias como forma de dinamização do tema da violência, tais como: novas pesquisas para que possam actuar sobre os problemas da violência; realizar discussões acerca da temática, envolvendo instituições, grupos e meios de comunicação para o conhecimento e sensibilização sobre o fenómeno; promover a articulação entre os sectores da Saúde, da Educação e da Justiça; por fim, ampliar a discussão para a situação entre os parceiros e não deter-se nos problemas exclusivamente femininos ou masculinos, pois não se resolvem situações de género referindo-se unicamente aos sofrimentos da mulher.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os envolventes deste trabalho pela participação de forma activa. A todas as pessoas que desde sempre me apoiaram e acreditaram no meu trabalho. Agradeço principalmente à Equipa de Tratamento do Barreiro por me ter disponibilizado a amostra adicta.

Referencias Bibliográficas

- Ajzen, I. & Cote, N.G. (2008). Attitudes and Prediction of Behaviour. In Crano, W.D. & Prislin, R. (Eds.), Attitudes and Attitude Change, Psychology Press p.289-313

- Apav, (2008). Relatório Estatístico, p.1-35
[http://www.apav.pt/portal/pdf/APAV Totais Nacionais 2008.pdf](http://www.apav.pt/portal/pdf/APAV_Totais_Nacionais_2008.pdf)
- Bandura, A. (1979). *Psychological mechanisms of aggression*. Cambridge: University Press
- Beck, A., Rush, A., Shaw, B., & Emery, G. (1979). *Terapia Cognitiva da depressão*. New York: Copyright
- Beck, A. (1997). *Terapia Cognitiva da Depressão*. Zahar. Rio de Janeiro
- Cohen, S., & McKay, G. (1984). Social Support, Stress and Buffering Hypothesis: A Theoretical Analysis. In Baum, A., Taylor, S.E., & Singer, J.E. (Eds.). *Handbook of Psychology and Health* Hillsdale, p.253-267
- Cortez, M. B.; Padovani, R. C.; Williams, L.C.A. (2005). Terapia de grupo cognitivo comportamental com agressores conjugais. *Estudos de Psicologia, Campinas*, v. 22, n. 1, p.13-21
- Cunha, T. R. A. Violência Conjugal: rimando amor e dor. In: *Fazendo gênero 8: corpo, violência e poder*. Florianópolis, Agosto de 2008b. [Www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST11/Tania_Rocha_Andrade_Cunha_11.pdf](http://www.fazendogenero8.ufsc.br/sts/ST11/Tania_Rocha_Andrade_Cunha_11.pdf)>.v
 Acesso em: 16 de Outubro de 2009
- Dias, I. (2008). Algumas considerações teórico-metodológicas sobre o fenômeno da violência na família. In III Congresso Português de Sociologia
- Duailibi, R. L., & Pinsky I. (2005) Alcohol and violence: psychiatry and public health. *Revista Brasileira Psiquiátrica* 27(3):176-7
- Dunst, C., & Trivette, C. (1990). Assessment of social support in early intervention programs. In S. Meisels, & J. Shonkoff (Eds.), *Handbook of early childhood intervention* (pp. 326-349). New York: Cambridge University Press.
- Fazio, R. H., & Towles-Schwen, T. (1999). The MODE model of attitude – behaviour processes. In S. Chaiken & Y. Trope (Eds.), *Dual-process theories in social psychology* (pp.97-116). New York: Guilford
- Jeanjot, I.J., Barlow, P. & Rozenberg, S. (2008). Domestic violence during pregnancy: Survey of points and healthcare providers. In *Journal of Women's Health*, vol.7, nº4, p. 557-567

- Kessler, R., Price, R., & Wortman, C. (1985). Social factors in psychopathology: stress, social support, and coping process. *Annual Review of Psychology*, 36, 531-572.
- Navaraz & Koller (2006). Mulheres vitimas de violencia doméstica: Compreendendo subjectividades assujeitadas. In *Psicologia*, vol37, nº1, p.7-13
- Oliveira, A., & Cavalcanti, V. (2007). Violencia Doméstica na Perspectiva deGénero e Publicas. In *Revista Brasileira Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 17(1), 39-51
- Ribeiro, J. (1999). Escala de Satisfação com o Suporte Social (ESSS). *Análise Psicológica*. 3: XVII. Instituto Superior de Psicologia Aplicada. Lisboa.
Acedido em: 12 de Dezembro de 2008, em:
<http://paisribeiro.googlepages.com/esss.pdf>
- Rodrigues, J. C. R. & Guerra, M. C. P. (1996). Mujeres de Guadalajara y violencia domestica: Resultados de um estúdio piloto. In *Cadernos de Saúde Publica*, Rio de Janeiro, 12(3) p.405-409
- Sagim, M.B., Biassoli-Alves, Z.M., Delfino, V. & Vanturini, F.P. (2007). Violência Doméstica: a percepção que as vitimas têm do seu parceiro, do relacionamento mantido e das causas da violência. In *Cogitare Enfermagem*, 12(1), pp.30-36
- Sagim, M.B., Biasoli-Alves, Z.M., Delfino, V. & Ventuini, F.P. (2004). A mulher vitima de violência doméstica. In *Psicologia*, Porto Alegre, Purcrs, v.37, nº1, p.7-13
- Silva, I.V. (2003). Violência contra mulheres: a experiencia de usuários de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. In *Caderno Saúde Pública*, 19 (Sup.2) p.263-272
- Stewart, D.E. & Robinson, G.E. (1998). A review of domestic violence and women´s mental health. In *Archives of Women´s Mental Health*. 1: 83-89
- Unicef (2000). Domestic Violence against women and girls. In *Inocenti Digest nº6*, p.1-30
<http://www.unicef-irc.org/publications/pdf/digest6e.pdf>
- Wei Wang, D.A., Li, H., & Noguchi, K. Structure of Attitudes Judgments, Memory, and Implications for Change p.19-41, In Crano, W.D., & Prislín, R (2008). *Attitudes and Attitude Change*, Psychology Press